

PAITER SURUÍ, GENTE DE VERDADE:

UM PROJETO
DO COLETIVO
LAKAPOY

CADERNOS
DE MEDIAÇÃO
CULTURAL

IMS

Este arquivo fotográfico conta essa história, e por isso é muito importante para nós. E ser feito pelos Paiter Suruí é mais importante ainda, porque isso demonstra que, cada vez mais, nós estamos construindo um instrumento que possa dialogar com a sociedade nacional e internacional: quem somos nós, os Paiter Suruí, e o que nós fazemos a partir da nossa luta, nossa vida no dia a dia, nossa resistência, é importante para todo mundo, porque hoje o nosso território também tem um papel importante nas mudanças climáticas e de desenvolvimento dos nossos estados e dos nossos municípios.

– ALMIR NARAYAMOGA SURUÍ, LÍDER PAITER SURUÍ

COMO UTILIZAR ESTE CADERNO?

Este caderno de leitura de imagens é um convite à construção de experiências sensíveis, reflexivas e significativas, propondo o contato com a arte em três tempos:

1. PREPARANDO O ENCONTRO COM A IMAGEM

Antes de apresentar uma imagem a um grupo de pessoas, é essencial que você a observe com atenção. Esse olhar prévio permite que você construa alguma intimidade com a imagem e reflita sobre possíveis abordagens, considerando temas, públicos e contextos. Avalie se deseja trabalhar exclusivamente com foco nas obras aqui selecionadas ou se deseja reunir outras imagens para discutir questões específicas do projeto pedagógico que orienta a realização da leitura em grupo, lembrando que você pode utilizar materiais de apoio, como entrevistas, vídeos e conteúdos do *site* do IMS ou de outros repositórios de publicações.

2. DURANTE AS ATIVIDADES DE LEITURA EM GRUPO

Para preparar o grupo, uma conversa inicial ou atividade de escrita pode despertar memórias, opiniões e sensibilidades, criando conexões com o que será visto. Ao observar a imagem, incentive uma visualização cuidadosa. Com o grupo, escolha até cinco palavras-chave e, se possível, deixe-as anotadas em local onde todos possam ter acesso. Provoque os participantes com perguntas de caráter abrangente, que permitam abordagens

mais individuais e coloquem em destaque os repertórios pessoais, como, por exemplo: “O que você percebe na imagem?”, “Que informações você reconhece na imagem?”, “Como ela te afeta pessoalmente?”, “Qual o seu posicionamento diante do que você consegue ler na imagem?”. Crie pausas para escutar o grupo, levantar perguntas e aprofundar temas. Estimule a realização de registros visuais ou escritos para contribuir no processo de escuta e da troca processual e negociada de percepções, informações, afetos e opiniões das pessoas presentes.

3. OUTROS MODOS DE APROFUNDAR AS LEITURAS DE IMAGENS

Estimule produções individuais – textos, desenhos, mapas mentais – e relacione a imagem a outras obras, estilos ou artistas. Explore diferentes tipos de imagem e modos de exibição, questionando: “Onde a arte pode estar?”, “Quem define o que é arte – ou o que é beleza?”, “Que outros sentimentos, sensações e posicionamentos uma imagem pode despertar além do ‘gostar ou não gostar’?”. Proponha a realização de diários visuais, conversas, debates e visitas a exposições. Conectar os estudantes à programação de sua cidade é uma forma de se relacionar com a cena artística local, nacional e mundial, lembrando que, além de visitar o IMS e participar de sua programação de arte e educação, você e sua turma podem acessar suas plataformas digitais, repletas de recursos de arte disponíveis gratuitamente.

PAITER SURUÍ, GENTE DE VERDADE: UM PROJETO DO COLETIVO LAKAPOY

Os Paiter Suruí são um povo indígena brasileiro. Vivem na Amazônia, na Terra Indígena Sete de Setembro, entre os estados de Rondônia e Mato Grosso, e se autodenominam Paiter, que significa “gente de verdade” ou “nós mesmos”. Falam a língua tupi-mondé (tronco tupi, família mondé) e mantêm vivas práticas culturais como dança, música, pintura, alimentação, cerimônias e rituais, garantindo a transmissão de suas tradições entre as gerações. O tupi-mondé é uma língua ameaçada, e por isso usada intencionalmente pelos Paiter mais jovens, que tendem a ser bilíngues. Dentre os mais velhos, por vezes o tupi-mondé é o único idioma utilizado. Os Paiter também trabalham ativamente na gestão de seus territórios, desenvolvendo o monitoramento da biodiversidade e estratégias que assegurem sua soberania alimentar e cultural. Sua relação com o ambiente é marcada por uma profunda conexão com a natureza, refletida em ações que evidenciam a importância

da preservação ambiental e do respeito às tradições locais. Como exemplo de inovação e protagonismo, criaram a primeira agência de etnoturismo indígena do Brasil, localizada na Terra Indígena Sete de Setembro.

A exposição conta com mais de 800 imagens produzidas desde 1970, quando as primeiras câmeras chegaram ao território, por pessoas não indígenas. As fotografias foram realizadas e guardadas por diversas famílias Paiter Suruí e, nos últimos anos, esse material vem sendo reunido e digitalizado pelo Coletivo Lakapoy.

Como um álbum de família aberto a ser conhecido, esse acervo ocupa as paredes da galeria do IMS. A mostra é um desdobramento da participação do coletivo na Bolsa ZUM/IMS de Fotografia 2023, contemplando entrevistas, objetos artesanais e registros históricos e contemporâneos, convidando o visitante a ler as imagens, produzidas em sua maioria pela própria

comunidade, e perceber nelas camadas de memória, identidade e presença. No ensino formal ou em espaços de educação não formal, este caderno se torna um recurso de mediação cultural inspirador, em diálogo com o conjunto de registros audiovisuais, para atividades interdisciplinares, conectando leitura de imagens, escuta de histórias e construção de novos sentidos sobre a diversidade dos povos indígenas.

Em História, este caderno colabora para compreender processos de contato, transformação e resistência indígena contemporânea. Em Artes, para refletir sobre autoria, estética e modos de construir acervos próprios de imagens e narrativas. Em Geografia, para observar territórios, hábitos cotidianos e relações com a natureza. Em Língua Portuguesa, as imagens impulsionam relatos, textos descritivos e roteiros audiovisuais. Já em Sociologia e Filosofia, provocam diálogos sobre cultura, memória e direitos humanos.

CURADORIA

Txai Suruí, Lahayda Mamani Poma e Thyago Nogueira

SUPERVISÃO

Almir Narayamoga Suruí

COLETIVO LAKAPOY – PARTICIPANTES DO PROJETO DA EXPOSIÇÃO

Ubiratan Gamalodtaba Suruí, Oyexiener Suruí, Gabriel Uchida, Christyann Ritse, Kennedy Suruí, Txai Suruí, Oyago Suruí, Samily Suruí e Oyorekoe Luciano Suruí.

VISITAÇÃO

Paiter Suruí, Gente de Verdade: um projeto do Coletivo Lakapoy
26/7 a 2/11/2025

IMS PAULISTA

Avenida Paulista, 2424,
São Paulo/SP - Brasil
Entrada gratuita.

Terça a domingo e feriados
das 10h às 20h (fechado
às segundas).

Última admissão: 30 minutos
antes do encerramento.

COLETIVO LAKAPOY

Para os Paiter Suruí, Lakapoy é uma entidade espiritual que protege a floresta e seus habitantes. O Coletivo Lakapoy é formado por comunicadores indígenas do povo Paiter Suruí, junto a colaboradores não indígenas que atuam como aliados. Seu surgimento está ligado a um movimento mais amplo de fortalecimento cultural e político, iniciado após as intensas lutas pela demarcação do território – um marco histórico para os Paiter Suruí. Como resposta estratégica a essa conquista, a comunidade elaborou o Plano de Gestão de 50 Anos, um documento visionário que orienta caminhos para o futuro e inclui a criação de uma rede própria de comunicação e arte.

Nesse contexto, a juventude da Terra Indígena Sete de Setembro foi incentivada a usar tecnologias audiovisuais e preparada para registrar e compartilhar suas próprias narrativas. O Coletivo Lakapoy tornou-se, assim, um agente essencial para preservar, fortalecer e difundir a cultura Paiter Suruí, garantindo protagonismo na produção de conteúdos jornalísticos, audiovisuais e digitais.

Desde 2022, o coletivo segue em crescimento. Hoje, reúne fotógrafos, influenciadores, produtores e tradutores, e planeja alcançar cada uma das cerca de 40 aldeias Paiter Suruí.

BOLSA ZUM/IMS

A Bolsa ZUM/IMS é uma iniciativa de visibilidade e valorização de produções visuais autorais no Brasil, especialmente por apoiar projetos inéditos que dialogam com realidades sociais e culturais diversas. Funciona como um projeto de premiação anual do IMS que estimula a criação artística em fotografia e vídeo, concedendo um prêmio em dinheiro para que os selecionados realizem um trabalho no prazo de oito meses, com os resultados posteriormente integrados à Coleção de Arte Contemporânea do IMS.

Em 2021, a revista ZUM #20 publicou fotos do arquivo Paiter Suruí, escolhidas e comentadas por Ubiratan Suruí. Em 2023, o Coletivo Lakapoy venceu a Bolsa ZUM/IMS com um projeto sobre esse arquivo. Dessa forma, a valorização do olhar indígena na construção da própria memória ganha centralidade. A fotografia doméstica, antes restrita ao âmbito familiar, é reconfigurada como representação coletiva de identidade e território. A exposição *Paiter Suruí, Gente de Verdade* e a publicação que a acompanha ampliam essa visibilidade, reforçando a potência política e cultural dessas narrativas visuais.

Almir Narayamoga Suruí nasceu em 1974 na Terra Indígena Sete de Setembro. É biólogo pela PUC Goiás e doutor *honoris causa* pela Universidade Federal de Rondônia (Unir). Em 2010, foi eleito Labiway Esagah (cacique-geral) do povo Paiter Suruí. Atuou na Associação Metareilá e na Kanindé, promovendo a defesa do meio ambiente e da cultura indígena. De 2007 a 2015, integrou o Conselho Nacional de Política Indigenista (CNPI). Ganhou o Prêmio Direitos Humanos pelo Instituto Internacional de Sociedades de Direitos Humanos, entidade ligada à ONU, em 2008, o Prêmio Herói da Floresta pela ONU, o Prêmio Maia Lin pelo projeto Carbono Suruí e, em 2011, o Prêmio de Liderança Bianca Jagger Human Rights Foundation. Em 2024, ganhou o prêmio Nobel Verde. É coordenador executivo do Parlamento Indígena do Brasil.

Txai Suruí, jovem liderança do povo Paiter Suruí, iniciou cedo seu ativismo, inspirada por seus pais, Almir Suruí e Neidinha Suruí, defensores dos direitos humanos. Fundou o movimento da Juventude Indígena de Rondônia e foi a única brasileira a discursar na abertura da COP26. Coordena a Associação de Defesa Etnoambiental Kanindé, que atua com mais de 15 etnias na Amazônia, trabalhando com a proteção territorial e segurança alimentar das comunidades indígenas. Há ainda ações para o fortalecimento das organizações de base, da juventude e de mulheres, buscando impacto político nacional e internacional, atuando com outras organizações na litigância estratégica e no ativismo. É conselheira da Fundação Avina, do WWF-Brasil e do Pacto Global da ONU. Colunista da *Folha de S.Paulo*, foi eleita pela *Time* uma das 100 lideranças da nova geração e pela *Forbes* uma das brasileiras mais influentes com menos de 30 anos. Em agosto de 2025, foi nomeada integrante do Grupo Consultivo da Juventude sobre Mudança Climática da Organização das Nações Unidas (ONU).



Wilson Suruí, Maria Cinta Larga, Raquel, Itabira Suruí, Noemi Suruí, Sandra Suruí, Nema Suruí, Tomaz Suruí, Pamaura Suruí e pessoas Paiter Suruí ao fundo, Aldeia Apoena Meirelles, c. 2011. Em 2011, vivenciamos a última grande celebração do Mapimái, que aconteceu na aldeia Apoena Meirelles. Essa é uma festa ancestral, que celebra a criação do mundo e reúne diversas famílias. Naquele ano, os anfitriões foram o clã Kaban, que preparou muitos litros da bebida chicha para ser consumida pelos clãs Gameb e Gabgir. Desde então, apenas outra festa de menor escala foi realizada, mas sem a mesma magnitude e significado. Foto de Thomaz Pizzer. Acervo Agamenon Suruí. Pigmento mineral sobre papel de algodão, 77 × 53,8 cm.

O QUE UMA IMAGEM PODE CONTAR SOBRE OS ENCONTROS COLETIVOS QUE ATRAVESSAM O TEMPO EM UM TERRITÓRIO?

Um grupo de nove pessoas caminha ou dança lado a lado, ocupando o centro da cena. Homens e mulheres seguem juntos, com os braços enlaçados. Alguns seguram bordunas ou bastões compridos, usam cocares de penas escuras e claras, colares volumosos, saias coloridas e blusas simples. A aparência dos homens, com os peitos nus, contrasta com a delicadeza das saias e faixas das mulheres. O chão é de terra batida, marcado por cinzas ou restos de queimada, e, ao fundo, se estende em destaque uma mata de troncos finos, muitos deles ressecados. No plano mais distante, à esquerda, um grupo de pessoas observa.

Em 2011, celebrou-se pela última vez o Mapimái – ritual ancestral do povo Paiter Suruí, marcado por profundo sentido coletivo e espiritual. A festa que homenageia a criação do mundo é um momento de confraternização entre famílias. Os ritos, que podem atravessar meses, jamais se repetem da mesma forma.

Naquele ano, coube ao clã Kaban acolher os presentes. Prepararam litros da chicha, bebida fermentada e levemente alcoólica, que pode ser feita com mandioca, cará, milho ou inhame. Além dos Kaban (mirindiba), os Gameb (marimbondos preto), os Gabgir (marimbondos amarelos) e os Makor (taboca, tipo de bambu) compõem a organização social Suruí, a grande roda das lideranças.

Celebrado em tempos de colheita ou de plantio, o Mapimái é um momento de encontro entre as metades que organizam a vida de todos, visa à harmonia entre os humanos, a floresta e a cultura. *Metare* é a mata; *Iwai*, a roça. Cada família que cuida de uma dessas partes oferece presentes à outra.

Ao som da flauta – instrumento que evoca o sopro original do mundo –, casais dançam de mãos entrelaçadas, formando um círculo vivo. Cantam o rio, a floresta e o

gavião-real em melodias improvisadas, que invocam a conexão com os ancestrais. Os corpos são adornados com pinturas de jenipapo que seguem os grafismos e padrões de cada clã. Chocalhos nos pés, penas, flechas e cintos compõem a indumentária e o centro da celebração, um tronco de árvore sagrada é transformado em *lamá*, trono cerimonial. Pintado com padrões tradicionais, torna-se lugar de honra, onde se sentam os sábios, guerreiros e líderes. Nesse mesmo período, se realizam rituais de passagem, em que se dá por encerrada a vida infantil e é consagrada a transição para a juventude. Em isolamento, os jovens passam por vivências cerimoniais em que ocorre o aprendizado sobre a caça, a vida compartilhada, os espíritos e os ancestrais.

Atualmente, os Paiter Suruí desejam retomar o Mapimái, restaurando a tradição e afirmando sua resiliência e perseverança. O registro preservado no acervo da importante liderança Agamenon Suruí, foi feito por Thomaz Pizzer (aliado do povo Paiter Suruí), e guarda a memória viva de um momento de encontro e pertencimento. Revela camadas de história, tradição e resistência que seguem presentes no corpo coletivo retratado.

A pergunta inicial desta leitura é uma chave para considerarmos que o gesto de caminhar juntos carrega o sentido profundo de ser parte, de comemorar a criação e de manter vivo um modo próprio de narrar a história. A cena registra os vínculos que sustentam a continuidade de práticas que legitimam quem se é diante do mundo. Cada passo entre os participantes em linha, cada ornamento usado e cada olhar compartilhado apontam para uma experiência que une gerações e reafirma identidades. Na imagem, o povo resiste, se renova e cria presenças no agora de nosso olhar.



Zafinate Suruí, Aldeia Apoena Meirelles, 2024. As histórias vividas pelos bisavós de Zafinate foram sempre contadas por Itabira, seu pai. O bisavô Moy Kabeah, ou Ikõr, que era o grande pajé, foi uma pessoa muito importante para o povo; com seus rituais espirituais, ele fazia a guarda da nação. Foto de Coletivo Lakapoy. Pigmento mineral sobre papel de algodão, 66 × 98 cm.



Mamug Atoah e Moy Kabeah Ikõr, Território Sete de Setembro, anos 1970. Este foi um dos pajés mais poderosos da história Paiter Suruí. Ele usa uma pintura facial que só podia ser usada pelos pajés, enquanto sua esposa ainda usa a “betiga”, que é um adorno feito de resina e utilizado em um furo abaixo do lábio inferior. Este importante líder espiritual Paiter Suruí também foi registrado como Borborah – uma homenagem a Apoena Meirelles, histórico sertanista da Funai que foi responsável pelo primeiro contato dos Paiter Suruí com os não indígenas. Foto de Betty Mindlin. Acervo Itabira Suruí. Pigmento mineral sobre papel de algodão, 52 × 74 cm.

COMO HONRAR A POSSIBILIDADE DE APRESENTAR AO MUNDO A MEMÓRIA DE QUEM VEIO ANTES?

Um jovem está sentado em uma cadeira simples de madeira, ao ar livre. Atrás dele, uma construção de tábuas claras. Ele veste bermuda *jeans* e chinelos, está sem camisa e usa um colar discreto. Nas mãos, segura uma fotografia antiga, emoldurada, um pouco gasta, com marcas do tempo. Nela, vemos duas pessoas com os corpos pintados.

Como quem apresenta ou compartilha algo importante, o retratado mantém o objeto erguido na altura do peito. Ao redor, o chão é de terra batida, há um banquinho próximo a ele e utensílios pendurados na parede da casa ao fundo. A luz é suave, provavelmente do fim de tarde, criando sombras longas.

O olhar dele é direto, firme, em nossa direção. Parece convidar quem o observa a perceber o valor daquilo que mostra. Ele é Zafinate Suruí, a fotografia foi realizada pelo Coletivo Lakapoy na aldeia Apoena Meirelles em 2024.

As histórias vividas pelos seus bisavós, o casal da fotografia que ele exibe, foram sempre contadas por Itabira, seu pai. Entre elas, a lembrança de Moy Kabeah Ikôr, bisavô de Zafinate e grande pajé do povo, que, com seus rituais espirituais, fazia a guarda da nação.

A imagem atualiza esse vínculo entre passado e presente, mostrando como a memória ancestral, ao continuar sendo sustentada e partilhada pelos mais jovens, faz a resistência e permite que os que vieram antes se manifestem espiritualmente nas narrativas partilhadas, protegendo as decisões e ações da comunidade.

Desde o contato com os não indígenas, muitas coisas mudaram, entre elas a chegada da igreja, resultando na convivência entre a espiritualidade tradicional e o cristianismo evangélico.

QUE SINAIS DE SABERES ANCESTRAIS SE MOSTRAM INSCRITOS NO CORPO?

Um caminho de terra se desenha na imagem em direção a uma mata ao fundo. No centro, duas figuras se destacam. À frente, uma pessoa de estatura baixa, o corpo pintado com grafismos escuros que cobrem braços, tronco e pernas, estas envoltas por uma pintura ou tinta vermelha até os joelhos. Usa colares de contas ou sementes e segura algo pequeno nas mãos. À direita, um pouco atrás, outra pessoa se posiciona, mais alta, com o tronco nu, calça verde larga e, na mão direita, um facão. Os dois estão descalços. Os sinais no chão ao redor, com vegetação baixa, escurecida, e troncos esturricados indicam queimadas recentes. Ao fundo, surgem árvores mais altas e, em meio a elas, uma maloca. O céu claro e a luz difusa criam um ambiente silencioso, quase suspenso, onde o semblante sério dos retratados e o caminho que se perde ao longe podem sugerir, a quem observa a fotografia, vivências de travessia, permanência e presença no território.

Esta fotografia foi feita nos anos 1970, após o primeiro contato dos Paiterey com não indígenas – na região onde hoje fica a Terra Indígena Sete de Setembro. Na imagem, estão retratados Mamug Atoah e Moy Kabeah Ikôr. O registro integra o acervo de seu neto, Itabira Suruí, uma das grandes lideranças históricas do povo, e preserva o testemunho de um tempo em que liderança e espiritualidade se inscrevem no corpo e na paisagem, mantendo viva a memória de um povo e de seus guias.



Divino Suruí, Fabrício Suruí, Melissa Suruí e Rebeca Suruí, Aldeia Lapetanha, c. 2007. Diante da crescente pressão da exploração madeireira e da ocupação de colonos, a partir dos anos 2000, os Paiter Suruí travaram uma intensa luta pela defesa do território. Após a expulsão dos invasores, os Paiter Suruí decidiram reflorestar as áreas desmatadas, e os jovens foram chamados para ajudar no plantio de mudas para restaurar a floresta. Foto de Rone Suruí. Acervo Agamenon Suruí. Pigmento mineral sobre papel de algodão, 77 × 59,3 cm.

COMO REFLORESTAR AS NARRATIVAS SOBRE JUVENTUDE, NATUREZA E FUTURO?

A fotografia apresenta quatro jovens – Divino Suruí, Fabrício Suruí, Melissa Suruí e Rebeca Suruí – lado a lado, em pé, segurando mudas de árvores em sacos plásticos escuros ainda com terra. Dois deles usam bonés virados para trás; todos vestem roupas simples, como camisetas e bermudas. Os olhares se dirigem diretamente à câmera, com expressões serenas e discretos sorrisos. A cena foi registrada à noite: o *flash* ilumina rostos e plantas em primeiro plano, enquanto a mata ao fundo permanece imersa na escuridão. O aspecto analógico da fotografia – bordas arredondadas, leve desbotamento e marcas do tempo – sugere um registro íntimo, preservado em casa como memória viva.

O que a imagem documenta é um momento emblemático: após a expulsão de invasores que haviam provocado desmatamento e degradação, a comunidade foi chamada a participar da restauração da floresta. Diante da destruição, a resposta foi o replantio coletivo das áreas devastadas, em um esforço que mobilizou diferentes gerações em torno do cuidado com a terra e da reconexão dos vínculos com o território ancestral.

Plantar uma floresta é um gesto de recuperação ambiental, de escuta, responsabilidade e compromisso mútuo, realizado por pessoas que participam de um processo de renovação ativa em que aprendem, trocam saberes e assumem o protagonismo na continuidade da vida comunitária. Se faz tangível o sentido de rede recíproca de cuidado, entre indivíduos e planeta. A floresta oferece alimento, remédios e abrigo, sendo também o lugar onde os espíritos do mundo cosmogônico habitam, interagem com os vivos e sustentam a continuidade da cultura.

Aqui é possível reconhecer o envolvimento de jovens com suas histórias e seus territórios em transformação: memória, educação, política e cultura permeiam a imagem. Seu caráter documental e afetivo aponta para um arquivo que registra o passado e evoca uma

espécie de pedagogia do pertencimento, valorizando a força do grupo.

Plantando árvores em coletividade, laços são cultivados, identidades se reafirmam e futuros possíveis podem ser sonhados. Essa imagem torna visível a prática de reconstrução enraizada no cotidiano, sustentada por relações de confiança e cuidado. Essa visão da floresta, nesse processo, é parte ativa da experiência compartilhada, da memória e do horizonte futuro dos Paiteer Suruí para a humanidade. No ano em que essa imagem foi realizada, Almir Suruí buscou a Google Earth para propor uma parceria e realizar um mapa etnocultural do território demarcado. Em 2012, cartógrafos Suruí e Rebecca Moore, cientista e engenheira de *software*, fizeram o lançamento de um mapa, criado em parceria com equipes da Google Earth. Houve o aprendizado de que mapas são também expressões culturais e que os pontos de interesse destacados revelam a profunda interdependência entre sua cultura tradicional e a floresta: “O mapa Paiteer Suruí indica onde vivem papagaios e tucanos, ou onde estão as três espécies de árvores necessárias para confeccionar seus arcos e flechas. Ali também se localizam as árvores de açai – fonte de alimento e material para cobrir as malocas –, as boas áreas de caça do porcão (porco-do-mato) e os territórios por onde circula a onça-pintada, animal de forte valor espiritual, presente no mito de criação Paiteer Suruí. O mapa ainda registra locais e histórias de confrontos históricos com outras tribos* e com os colonizadores que chegaram após o ‘primeiro contato’, em 1969.”

* A palavra “tribo” foi usada na fala original. É um termo que não é mais usado nesse contexto, pois traz conotações coloniais, reducionistas e estereotipadas. O correto é se referir a “etnias”, “povos” ou “nações” indígenas.

“Sem a floresta, toda a nossa cultura desapareceria. E, sem a nossa cultura, a floresta já teria desaparecido há muito tempo. É importante viver de forma sustentável e fortalecer aqueles cujo sustento depende diretamente de um ecossistema saudável. Temos um plano de sustentabilidade de 50 anos, que inclui soluções para o nosso território. Um exemplo é o Projeto Carbono Suruí, que utiliza tecnologia para monitorar o estoque de carbono da floresta e negociá-lo no mercado por créditos de carbono. Nossa esperança é que possamos nos reunir virtualmente e pessoalmente, e que possamos encontrar e implementar soluções juntos.”

– ALMIR NARAYAMOGA SURUÍ

O QUE FAZEMOS QUANDO ENCONTRAMOS UMA IMAGEM?

O trabalho do Coletivo Lakapoy constitui um conjunto de recursos para que docentes e educadores apresentem aos estudantes narrativas produzidas pelos próprios Paiter Suruí. Ao reunir registros históricos e contemporâneos, o coletivo vem construindo um acervo que combina imagem e palavra, com legendas detalhadas que situam acontecimentos, personagens e territórios. Os textos narrativos carregam memórias, revelam processos de luta, celebração e aprendizado, e ajudam a compreender o contexto de cada cena registrada. Assim, a experiência de leitura vai além do visual e ganha densidade, ao incluir as vozes que contam a história por trás de cada fotografia.

As quatro imagens selecionadas lidam com questões importantes do movimento de retomada indígena. A ação coletiva no Mapimaí, acompanhada de informações sobre a festa ancestral e os clãs envolvidos, convoca perguntas sobre a força dos encontros e rituais como estratégia para resistir diante de ameaças ao território. O retrato de Zafinate segurando a fotografia dos antepassados, contextualizado pela história de seu bisavô, convida a pensar sobre como se honra e apresenta a memória familiar e coletiva. A imagem dentro da imagem do jovem mostra o pajé e sua companheira, com a

legenda que desperta a reflexão sobre as marcas corporais de saber e a atuação das lideranças espirituais na comunidade. Por fim, a cena dos jovens plantando mudas que um dia se tornarão uma floresta abre espaço para refletir sobre a descoberta da responsabilidade comunitária, a busca de propósito social e o cuidado com a vida de modo abrangente no território.

Para trabalhar essas fotografias com um grupo, a mediação pode começar apenas com a imagem, pedindo a partilha de descrições e percepções. Em seguida, pode ser apresentada a legenda como um texto a ser lido em voz alta, permitindo que os estudantes conectem o que imaginaram ao contexto real descrito. A leitura conjunta pode provocar novas perguntas, aproximar passado e presente e estimular que os alunos comparem as interpretações visuais iniciais com o que foi revelado pelo texto narrativo.

Mediar esse conjunto em sala significa reconhecer a potência da imagem e da palavra quando vem de dentro de um povo. As legendas funcionam como chaves que abrem camadas de sentido, e o educador, ao articular imagem e texto, conduz o grupo a um aprendizado que vai da observação ao diálogo, da escuta à construção coletiva de conhecimento.

VERBETES FUNDAMENTAIS PARA A CONSOLIDAÇÃO DE DIREITOS DOS POVOS INDÍGENAS

Retomada: Mais que “voltar a ocupar” uma terra, é um movimento de reapropriação territorial, cultural e histórica. Envolve ações concretas de demarcação e recuperação de territórios tradicionalmente ocupados, respaldadas pela Constituição Federal de 1988, especialmente em seu artigo 231, que reconhece aos povos indígenas “os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam”.

Demarcação de terras indígenas: Processo legal que reconhece os direitos dos povos originários às suas terras tradicionais. Coordenado pela Funai, envolve estudos técnicos, identificação, declaração, demarcação física, homologação e registro. Garante o uso e a proteção do território, promovendo saúde, educação e preservação ambiental. Enfrenta desafios como o marco temporal e pressões contrárias à regularização.

Marco temporal: O marco temporal é uma tese jurídica que limita a demarcação de terras indígenas às áreas ocupadas em 5 de outubro de 1988. Considerada inconstitucional pelo STF em 2023, ela desconsidera expulsões históricas e viola direitos originários garantidos pela Constituição. Apesar disso, o Congresso aprovou a Lei 14.701/2023, tentando instituí-la, o que gerou controvérsias e ações judiciais. O tema segue em debate político e jurídico no país.

Cuidado com a terra/Bem-viver: Expressões que traduzem uma ética própria de relação com o território. Representam o equilíbrio entre uso e preservação, manejo sustentável e responsabilidade com as gerações futuras. Relacionam-se à proteção dos territórios demarcados e à luta contra atividades predatórias que violem os direitos assegurados por lei.

Parentes: Forma de se referir uns aos outros entre povos indígenas, para além do laço sanguíneo. É o reconhecimento de pertencimento coletivo e espiritual, fortalecendo alianças e solidariedade, inclusive nas mobilizações pela defesa territorial e pelo cumprimento da legislação que garante esses direitos.

Territorialidade: Mais do que território físico, é a forma de habitar e significar um espaço. Inclui espiritualidade, memória e práticas de uso sustentável. A territorialidade se afirma na defesa legal de terras demarcadas e na recuperação de áreas usurpadas, processos assegurados pela Constituição e regulamentados por normas, como o Decreto nº 1.775/1996.

Saberes ancestrais: Conhecimentos herdados e transmitidos por gerações, que orientam modos de plantar, curar, ensinar, cantar e narrar histórias. Esses saberes se fortalecem quando as comunidades mantêm acesso garantido a seus territórios, direito protegido pela legislação brasileira.

Cultura viva: Ideia de que as culturas indígenas não são estáticas. Elas se reinventam, incorporando novos elementos sem perder sua base tradicional. Essa vitalidade cultural depende do reconhecimento e da proteção de territórios demarcados, condição essencial para a continuidade dessas práticas.

Autodeterminação: Direito de definir caminhos próprios, formas de governo, educação, economia e organização social, conforme previsto em tratados internacionais, como a Convenção 169 da OIT, ratificada pelo Brasil. Se concretiza na garantia de terras e no respeito à legislação indigenista.

Guardiões da floresta: Expressão que reafirma o papel ativo dos povos indígenas

REFERÊNCIAS E RECURSOS DE APOIO

Sobre a exposição:

Acesse conteúdos sobre a exposição, com textos e imagens selecionadas.



Sobre as obras:

Materiais acessíveis, leituras de textos da exposição e audiodescrição de obras.



Pega a visão – Episódio 1:

Representações indígenas – IMS Educação



Sobre o Coletivo Lakapoy:

Informações sobre a criação do grupo, suas pesquisas, trabalhos e intenções.



Sobre o Plano de Gestão de 50 anos:

Documento com o plano de gestão de terras e recursos elaborado coletivamente pelo povo Paiter Suruí.



Sobre o Projeto Carbono Suruí – Google Earth:

Apresentação do projeto de mapeamento do território Paiter Suruí a partir de elementos culturais, geográficos e históricos.



Sobre o Mapimai:

Texto sobre a celebração de criação do mundo como conta o povo Paiter Suruí, festejando o trabalho e a comunidade.



na proteção dos ecossistemas, da biodiversidade e dos bens naturais. Essa função só é plenamente exercida quando há demarcação e fiscalização efetiva de suas terras, conforme assegurado pelo artigo 231 da Constituição.

Memória longa: Referência à compreensão indígena sobre o tempo, pautado na continuidade das histórias e dos antepassados. A memória longa se materializa no vínculo permanente com o território, cuja proteção está garantida na Constituição e em dispositivos legais que determinam a recuperação de áreas tradicionais.

Espiritualidade do território: Compreensão de que a terra não é apenas recurso

econômico, mas espaço sagrado, habitado por presenças espirituais e histórias que orientam a vida coletiva. Essa dimensão espiritual se preserva e se fortalece na medida em que o território é reconhecido, demarcado e protegido pelas leis brasileiras.

Luta pela humanidade: A luta do povo Paiter Suruí vai além da defesa de seu território ou cultura. Quando resistem contra o avanço do desmatamento e da exploração predatória, estão, na prática, defendendo o direito de todos a um planeta saudável, justo e sustentável. Proteger as florestas, os rios e a diversidade da vida é proteger o direito à vida e o futuro de toda a humanidade.

CINCO IDEIAS INADEQUADAS SOBRE POVOS INDÍGENAS QUE PRECISAM SER ENFRENTADAS

Dentre as muitas noções e abordagens prejudiciais sobre a realidade dos povos indígenas no Brasil atualmente, o pesquisador Ribamar Bessa Freire destaca os seguintes erros mais recorrentes:

- 1. Ideia de “indígena genérico”.** Muitos materiais apresentam uma abordagem única de indígena, como se todos os povos compartilhassem as mesmas roupas, modos de morar ou rituais. Essa visão invisibiliza as centenas de etnias existentes, suas línguas próprias e costumes distintos de organizar a vida, negando o direito de cada povo a ser reconhecido em sua singularidade.
- 2. Pensar que indígenas “pararam no tempo”.** Essa noção, tão presente em narrativas históricas superficiais, cria a imagem de povos cristalizados no passado, sem transformações. No entanto, as sociedades indígenas sempre se reinventaram, reelaborando tradições e incorporando elementos novos sem perder a essência de suas culturas.
- 3. Associar indígenas à ideia de atraso.** Medir suas práticas e seus valores pelos padrões ocidentais leva a julgamentos equivocados,

como se a ausência de certas tecnologias significasse inferioridade. Essa visão desconsidera conhecimentos ambientais complexos, sistemas agrícolas sofisticados e formas de organização social que garantem equilíbrio com a natureza.

- 4. Crença de que indígenas não produzem cultura material.** Engano que reduz suas criações ao artesanato, quando, na verdade, desenvolvem tecnologias para manejo da terra, construção e *design* de objetos e utensílios que revelam saberes profundos sobre o território e os recursos naturais. Também produzem arte, em diferentes linguagens, como a fotografia e o audiovisual. Cada item carrega memória, identidade e soluções próprias.
- 5. Estereótipo do indígena preguiçoso ou improdutivo.** Preconceito herdado do período colonial, que ignora a intensa rotina de trabalho coletivo nas aldeias. O cultivo, a caça, a pesca, o cuidado com a terra e a transmissão de saberes exigem dedicação constante e estão alinhados a uma visão sustentável de mundo, muito distante da inércia que esse estigma sugere.

CRÉDITOS

Walther Moreira Salles
(1912–2001) – **Fundador**

Conselho Jackson Schneider,
Janaina Damaceno,
Luiza Teixeira de Freitas,
Matinas Suzuki Jr.
(Presidente), Milene
Chiovatto, Pedro Moreira
Salles e Tadeu Chiarelli

Diretoria artística João
Fernandes

Diretoria de educação
Renata Bittencourt

Diretoria executiva
Jânio Francisco
Ferrugem Gomes

Diretoria geral Marcelo
Mattos Araujo

**Cadernos de
mediação cultural**

Área de Educação IMS
Organização Renata
Bittencourt

Concepção, pesquisa e textos
Valquíria Prates
e Janis Clémen

Produção editorial Núcleo
Editorial IMS

Projeto gráfico Estúdio Daó
(Giovani Castelucci
e Guilherme Vieira)

Revisão de textos Livia
Azevedo Lima

**Digitalização e tratamento
de imagens** Núcleo
Digital IMS e Pigma

Esta publicação foi impressa
pela gráfica Pigma em
setembro de 2025 sobre
papel Ofsete 120 g/m²
e utiliza a fonte Mona
Sans, de Deni Anggara.

Este material é distribuído
gratuitamente. Não pode
ser comercializado.

Tiragem 2.000 exemplares
impressos.

ISBN 978-65-88251-31-7



Aqui, o povo Paiter Suruí conta sua história através de sua produção de imagens, repleta de amor e carinho, mas também de conhecimento e respeito pela humanidade e pela natureza. O olhar íntimo desafia representações tradicionais, ao unir tempos e elementos que sempre pareceram inconciliáveis aos olhos não indígenas. Essas fotografias também mostram a capacidade dos Paiter Suruí de se adaptar e reinventar o mundo contemporâneo. Revelam o futuro em construção: jovens cineastas, baristas, brigadistas e guerreiros digitais que levam nossa cultura para os museus e o mundo.

**– TXAI SURUÍ, EM COLABORAÇÃO
COM LAHAYDA MAMANI POMA E
THYAGO NOGUEIRA, CURADORES**

CADERNOS DE MEDIAÇÃO CULTURAL

A coleção de cadernos educativos pretende provocar o pensamento sobre questões contemporâneas das artes, da cultura e da sociedade. Pensados para enriquecer aulas, encontros e rodas de conversa, estes cadernos oferecem suporte a professores, educadores e mediadores culturais. A partir de informações e estratégias compartilhadas, estimulam reflexões e práticas artístico-pedagógicas, promovendo experiências dinâmicas de aprendizado e diálogos férteis em espaços educativos e culturais.